

O desafio de erguer a Capital

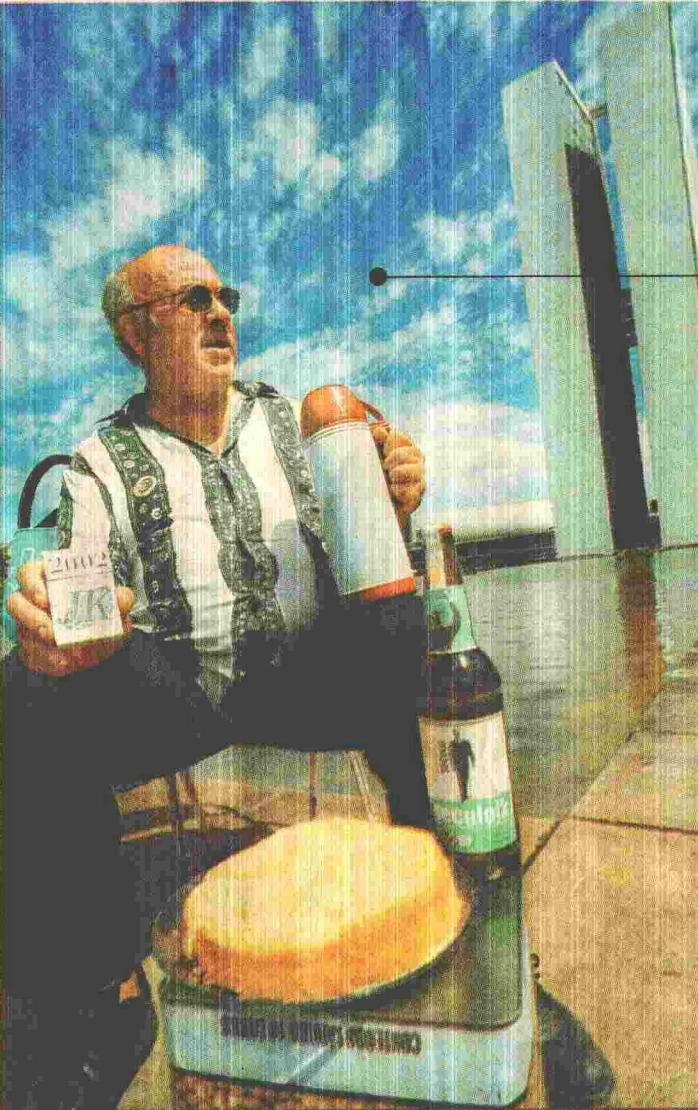
A história da construção de Brasília é lembrada pelas enormes dificuldades existentes à época. Erguer uma capital no meio do cerrado, não há dúvida, era um desafio. Milhares de brasileiros serviram de mão-de-obra. O hoje gari José Aluisio Pontes, 66 anos, fez parte deste contingente. Desembarcou aqui em 1957, para ser garçom.

Naquele ano, dois aspectos o ajudaram a ser contratado. Ele sabia falar inglês e havia feito um curso de etiqueta em São Paulo, antes de viajar para Brasília. Serviu Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, entre as autoridades que frequentavam o imenso canteiro de obras.

Sobre estas personalidades, ele coleciona uma série de histórias. Mas, lembra-se com mais alegria das vividas pelos trabalhadores. Gente como ele, que divertia-se com o pouco que Brasília oferecia enquanto era erguida. Sob a tensão característica a lugares onde a população masculina se sobressai, e muito, à feminina, batalhões de trabalhadores faziam de tudo para encontrar a alma gêmea, ou alguém que pudesse propiciar carinho naquele clima rude.

"Era difícil, eu diria raro demais, encontrar uma mulher por aqui; neste aspecto, o clima era muito tenso, tinha gente que não aguentava e ia embora", lembra.

José Aluisio Pontes foi garçom de JK, Niemeyer e Lúcio Costa na época da construção de Brasília



PONTES, HOJE, é gari da cidade em que escolheu viver em 1957

Os candangos, pessoas que vieram para erguer a cidade, tinham duas opções: ou buscavam mulheres para casar, ou seguiam para os bordéis do Núcleo Bandeirante. Era o sexo numerado, conta Pontes. "Você pegava uma senha e aguardava ser chamado, tomando cerveja no bar", diz

o pioneiro, hoje pai.

Naquele Brasil de 1957 a camisinha era artigo raro, ainda mais por aqui, e por isso, explica, o pacote incluía também a distribuição de remédios contra doenças sexualmente transmissíveis. "Antes de subirmos para o quarto, ganhávamos dois antibióticos para combater

as doenças", rememora.

Segundo o Pontes, o transporte até as casas noturnas era feito em pau-de-arara. "Vinhama 30, 40 peões num caminhão; quando chegava no local, eles desciam e saíam correndo para as casas; a pressa era para evitar pegar uma senha alta."

A outra opção, o casamento, era mais difícil para o candango porque as mulheres de Brasília eram mais velhas que a população de trabalhadores braçais dispostos a pôr um fim na solidão noturna. "Conheci pessoas que se casaram com mulheres de 50, 60 anos, apenas para ter companhia depois do trabalho."

Limpando a cidade que construiu

José Aluisio Pontes hoje trabalha como gari, contratado pelo Instituto Candango de Solidariedade. Limpa a cidade que um dia ajudou a construir. É apaixonado por Brasília, a ponto de colecionar revistas e jornais dos primeiros anos. Fez até exposição do material que comprou na primeira banca do DF, no Núcleo Bandeirante. "Ela pertencia ao Agrício Braga, pai do atual deputado distrital", lembra.

Uma das curiosidades é um livro sobre a construção. "Resolvi fazer o livro para que as pessoas possam saber mais detalhes sobre a cidade em que moram", diz. Na verdade, trata-se de perguntas e respostas objetivas, que foram recortadas e coladas em folhas de papel.

O gari é um exímio conhecedor da construção da cidade. Recorda nomes e datas facilmente. E lembra-se de histórias como se os anos não tivessem passados. Muitas delas, ele viu acontecer enquanto vendia café, bolo, cachaça e cigarro na entrada do canteiro de obras, onde seria erguido o Congresso Nacional. "A primeira corrupção ocorreu aqui: caminhões traziam a mesma quantidade de areia várias vezes. Entravam, não descarregavam e, tempos depois, retornavam", lembra.